

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE ÉVORA

(Conjunto conventual - Utilização diacrónica) - (Conferência

extraída do Livro "Conversas à volta dos conventos", Casa do Sul editora, Évora, 2002).

Maria do Céu Simões Tereno*

Introdução

Os conjuntos conventuais, muitas vezes agregados a igrejas, oferecem diversos aspectos sob os quais podem ser observados e que merecem ser objecto de estudo.

Com vincado carácter simbólico e acompanhando durante a sua longa vida o pulsar espiritual, cultural e social dos agregados humanos estabelecidos em seu redor são um verdadeiro documento histórico.

Feitos para durar séculos, encerram soluções construtivas dignas de estudo, principalmente porque a pedra, material predominantemente utilizado, dá um relevo especial às superfícies curvas, de revolução ou empenadas que muitas vezes contêm, e que os valorizam.

Na óptica da conservação de tais elementos construtivos realizou-se o estudo de alguns edifícios de carácter religioso da cidade de Évora onde se incluiu o conjunto conventual que é objecto de estudo deste trabalho¹.

À perspectiva da longa duração associava-se também a pretensão de impressionar e até de transmitir conhecimentos de carácter religioso, especialmente quando associada com a pintura², segundo o desejo dos patrocinadores e a arte dos autores.

¹ Maria do Céu Simões Tereno, *Contributo da Perspectiva para a Salvaguarda de Monumentos Históricos*, Dissertação de Doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico, apresentada à Universidade de Évora, Évora, 1996 (policopiada), pp. 287 e 296

² Carta do Papa João Paulo II aos artistas, 4 de Abril de 1999, Lisboa, p. 13, Carta de S. Gregório Magno, no ano de 599, ao Bispo Sereno de Marselha: " A pintura é usada nas igrejas, para que as pessoas analfabetas possam ler, pelo menos nas paredes, aquilo que não são capazes de ler nos livros. " Também a Mensagem do Concílio Vaticano II à Humanidade, na parte dirigida aos artistas, dá relevo ao contributo da beleza para a vida humana, Concílio Ecuménico Vaticano II, 1992, Braga, Mensagem do Concílio à Humanidade: " O mundo em que vivemos tem

Os conjuntos conventuais construídos em Évora na Idade Média, fora da cerca romano - goda, em arrabaldes desabitados, marcaram sensivelmente a forma urbana quando se processou o desenvolvimento da cidade.

As comunidades instaladas nos conventos deram um contributo assinalável para a formação religiosa, para a educação e instrução das populações que à sua beira se instalavam e para estas funções os Monges Agostinhos eram particularmente qualificados³.

Instituições com uma vida muito longa, passaram, naturalmente, por vicissitudes várias, geradas no seu interior ou fomentadas do exterior⁴ e a de maior relevo foi a produzida pelo Decreto datado de 28 de Maio de 1834 que determinou a extinção dos conventos⁵ contabilizados em 538, em 1763⁶, dos quais 21 situados em Évora (Fig. 1).

A partir desta data os conventos tiveram utilizações várias e cuidados de conservação muito diversos pois, durante longo período, as entidades utilizadoras produziram alterações nos edifícios segundo as suas conveniências, sem controlo aparente da entidade proprietária, a Fazenda Nacional.

Foram mencionadas algumas das abordagens possíveis ao estudo dos conventos, mas neste trabalho, após uma breve nota histórica sobre a vida do Convento de Nossa Senhora da Graça de Évora, e da sua breve descrição, focaremos a atenção sobre as obras de restauro realizadas e a utilização que lhe foi atribuída.

necessidade de beleza para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração. E isto por vossas mãos. " p. 533

³ Rafael de Faria Domingos Moreira, *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal - A Encomenda Régia entre o Moderno e o Romano*, Lisboa, 1991,p.382, " Os Agostinhos eram o oposto de uma Ordem de clausura, vocacionados para a oratória e a missão..."

⁴ Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. I, pp.,131,132, e 141 e ainda vol. III, p. 135

⁵ *Ob. Cit.*, Vol. I p. 146, Decreto referido - Art.º 2º " Os bens dos conventos, mosteiros, colégios, hospícios, e quaisquer casas de religiosos das Ordens regulares, ficam incorporados nos próprios da Fazenda Nacional. "

⁶ Fortunato de Almeida, *Ob. Cit.*, Vol. III, p.138. Segundo João Batista de Castro existiam em Portugal, 407 conventos e hospícios de frades, e 131 conventos de freiras, num total de 538 instituições religiosas.

Breve Nota Histórica

Os aspectos que nos parecem de maior interesse neste âmbito ligam-se à fundação do convento, que pode ser entendida em duas épocas distantes de três séculos; a autoria do projecto do conjunto conventual que chegou aos nossos dias; principais abalos estruturais que este sofreu ao longo do tempo; utilização que lhe foi dada e suas consequências.

No que respeita à data de fundação, os Padres António Franco⁷ e Francisco da Fonseca⁸, apoiando-se no Catálogo da Ordem de Santo Agostinho, referem a data de 1212 como a data admissível para o estabelecimento do primitivo convento, não surgindo outra menção a este convento pelos cronistas senão a partir de 1492 e 1514.

O Padre Francisco da Fonseca⁹ salienta que nos livros do Senado Eborense consta a compra de casas e o sítio para a fundação do Convento em 1513.

O cronista da Ordem, Frei António da Purificação¹⁰ menciona a data de 1501 como aquela em que começaram pequenas obras para início do convento da Nossa Senhora da Graça de Évora. Bernardo de Vasconcelos e Sousa¹¹ considera que uma confraria de homens de Évora que foram a Jerusalém, formada no século XII, terá estado na origem do hospital de Jerusalém, o mais antigo da cidade¹². Este hospital situava-se próximo da primitiva igreja da Graça sobre a qual se erigiu a actual.

⁷ Padre António Franco, *Évora Ilustrada*, Extraída da Obra do Mesmo Nome do Padre Manuel Fialho, Évora, 1945, p.332

⁸ Padre Francisco da Fonseca, *Évora Gloriosa*, Epílogo dos quatro tomos da *Évora Ilustrada*, que compôs o R.P.M. Manoel Fialho da Companhia de Jesus. Escrita, acrescentada e amplificada pelo Padre Francisco da Fonseca, Évora, 1728, p. 344

⁹ *Ob. Cit.*, p. 344

¹⁰ Frei António da Purificação, *Crónica da Antiquíssima Província de Portugal, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho*, Lisboa, 1642, p. 254

¹¹ Bernardo Vasconcelos e Sousa, *A propriedade das Albergarias de Évora nos Finais da Idade Média*, Lisboa, 1990, p. 27

¹² Maria Ângela Rocha Beirante, *Évora na Idade Média*, FCG/JNICT, Lisboa, 1995, p. 69, 104 e 105

Pode admitir-se com José M. Queimado¹³ que esta confraria tenha adoptado a regra de S. Agostinho e que o convento de 1212 se identifique com este hospital. São menos divergentes as opiniões quanto ao lançamento das obras que deram forma ao actual convento feitas, segundo Gabriel Pereira¹⁴ onde havia um mosteiro acanhado e humilde. Este autor situa-as entre 1524 e 1529, enquanto José. M. Queimado¹⁵ as reporta a 1521-1529.

Rafael Moreira¹⁶dá como data de início das obras 1532 e como final 1540. Manuel Branco¹⁷apoiado em documentos de compra de propriedades para a obtenção de espaço para o convento, esboça a malha urbana no local e considera as datas de 1537 e 1540 para início e conclusão das obras, admitindo a data de 1536 como aquela em que foi tomada a decisão real de ampliar a igreja e dar maior dimensão ao convento.

Quanto à autoria do projecto:

Reynaldo dos Santos¹⁸atribui a autoria do projecto a Diogo de Torralva em 1536. Túlio Espanca¹⁹não se decidiu entre Miguel de Arruda ou Diogo de Torralva, embora pareça ter dado relevo ao primeiro atribuindo - lhe o corpo do Refeitório. Manuel Branco²⁰considera ter atribuído correctamente a autoria da Igreja da Graça a Miguel de Arruda. Rafael Moreira²¹releva esta opinião por confirmar a que defendeu em 1983.

Obras Realizadas

¹³ José Manuel Queimado, *Alentejo Glorioso – Évora suas Ruas e Conventos*, Évora, 1975, p. 132

¹⁴ Gabriel Pereira, " Monumentos de Évora ", *O Ocidente – Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, 15º ano, XV vol., N.º 490, P.170

¹⁵ José M. Queimado, *Ob. Cit.*, P.133

¹⁶ Rafael de Faria Domingues Moreira, *Ob. Cit.*, p. 374

¹⁷ Manuel Joaquim Calhau Branco, *A Construção da Graça de Évora: Contexto Cultural e Artístico*, 3 volsl. Lisboa, 1990, pp. 177-179, e 185

¹⁸ Reynaldo dos Santos, *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, Vol. II, Lisboa, s/d, p. 178

¹⁹ Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal*, Concelho de Évora, (vol. VII) Lisboa, 1966, p. 166

²⁰ Manuel Branco, *Ob. Cit.*, p. 307

²¹ Rafael F.D. Moreira, *Ob. Cit.*, p. 373

Como não se considera haver interesse particular na enumeração exaustiva das obras ao longo do tempo referimos apenas os passos principais deixando para mais à frente a descrição sucinta das obras de restauro que restituíram este conjunto conventual à vida.

A obra iniciada sob o patrocínio de D. João III, por falta de dimensão e sumptuosidade deixou de lhe agradar e, por este motivo, a doou ao Conde do Vimioso, D. Francisco de Portugal que na Igreja constituiu o seu panteão.

A obra inicial e mais importante foi concluída pouco depois de 1540, mas entre 1589 e 1599 foram realizadas obras importantes na igreja, no claustro, nas coberturas do edifício e foram terminados o Noviciado e a Adega²².

As obras de manutenção e conservação foram decorrendo ao longo do tempo, mas em 1603/4²³a igreja ruiu, e deste evento existem os pedidos de ajuda financeira dos monges para a reconstrução da mesma. Houve nessa época uma grande campanha de obras que abrangeu todo o conjunto. Em 1663, em consequência dos bombardeamentos da artilharia espanhola durante a Guerra da Restauração, teve início uma grande reforma dado o estado em que os edifícios ficaram, tanto da igreja como do convento.

Entre 1689-1691 houve nova intervenção, porque os estragos da Guerra não tinham sido reparados de forma consolidada e teve de ser apeada a abóbada da igreja e de novo reconstruída.

Entre 1700 e 1712 há outra intervenção importante, no claustro, nas coberturas e telhados, nos dormitórios, na sacristia e na aula de filosofia, e é feita a abertura da escada de ligação entre os dois dormitórios.

Em 5 de Abril de 1884 desabou a abóbada da igreja ficando muito tempo à espera de recuperação. Em 15 de Março de 1957 deu-se a

²² Túlio Espanca, *Ob. Cit.* Pp. 165 e 166

²³ Manuel J. C. Branco, *Ob. Cit.*, assinala este facto com base em provas documentais, coevas. P.227

derrocada na fachada sul do corpo dos Dormitórios, Noviciado e Enfermaria.

A utilização dada a este conjunto manteve-o quase sempre na área militar, com excepção da igreja, que após a secularização dos conventos, em 1834, até ao desabamento da abóbada, foi utilizada como escola primária oficial. Em 1892, Gabriel Pereira²⁴ escreveu que a igreja do Convento da Graça estava em ruína enorme, que o convento era aproveitado em quartel de infantaria e que o claustro ainda conservava todo o seu cunho primitivo.

Em 1893 comentou²⁵ que a utilização por elementos militares tinha contribuído bastante para a conservação dos edifícios. É algo diferente a opinião de Túlio Espanca²⁶, que depois de mencionar a utilização por uma Brigada de Infantaria e, posteriormente, pela Cooperativa dos Oficiais do Exército, pelo Posto de Rádio e pela Farmácia Militares, ao descrever o refeitório diz que “ apesar de inúmeras malfeitorias sofridas para adaptação militar, mantém no todo arquitectónico os volumes e majestade originais “.

O Conjunto Edificado

O conjunto conventual é constituído pela igreja de Nossa Senhora da Graça e pelo convento propriamente dito, com a sua parte edificada e a cerca anexa.

Implantado sensivelmente a 80 metros a sul da cerca romano – goda, dentro do arrabalde de S. Francisco, estava comprimido²⁷ entre a área de influência do Convento de S. Francisco, e o arrabalde da Porta de

²⁴ Gabriel Pereira, *Ob. Cit.*, 170

²⁵ Gabriel Pereira, *Estudos Diversos – (Arqueologia, História, Arte, Etnografia)*, Coimbra, 1934, p. 273. O artigo referido, de 1892, apresenta algumas notas na sua versão de 1893, das quais se extrai o comentário mencionado.

²⁶ Túlio Espanca, *Ob. Cit.* p. 164 e 169

²⁷ O conjunto conventual da Graça, estava inserido fora da cerca da primitiva cidade, mas dentro da cerca nova, dispunha de pouco espaço para se expandir, como se pode observar em *Atlas das cidades Medievais Portuguesas*, A.H. Oliveira Marques; Iria Gonçalves; Amélia Aguiar Andrade, INIC, Lisboa, 1990, p. 85

Moura cuja área depois da transferência dos mouros para o arrabalde de S. Mamede, passou à posse episcopal que a urbanizou para obtenção de rendimento²⁸.

O conjunto edificado (Fig. 2) tem uma área aproximada de 1600 m², dos quais 420 m² correspondem à área de implantação da igreja e os restantes 1180 m² à área de implantação do convento. A cerca tem uma área aproximada de 3150 m², ocupando todo o conjunto cerca de 4750 m².

A Igreja

A Igreja de Nossa Senhora da Graça de Évora (Fig. 3) crê-se ter sido erigida sobre uma igreja da mesma invocação²⁹, tem planta rectangular com quatro tramos, uma cobertura em masseira, na nave, que se apoia sobre pilastras que serviram anteriormente de apoio para arranque da abóbada de berço com penetrações³⁰ existente até 1884.

Na capela – mor manteve-se a semi – abóbada em barrete de clérigo, que não foi afectada pelo desabamento daquela data. Teve, no entanto, de ser reconstruída durante o restauro recente para se adequar à altura da nave que foi determinada a partir de elementos encontrados durante os trabalhos (Fig. 4).

Esta capela tinha um trabalho de muito mérito, em mármore de Estremoz, atribuído a Nicolau de Chaterene, de que se mantêm as janelas perspectivadas.

No exterior assinala-se, como primeiro exemplar do pleno renascimento português³¹ a fachada de assinalável riqueza formal e que pode ser apreciada nos seus dois níveis. O piso térreo com sete arcos de

²⁸ Maria Ângela R. Beirante, *Ob. Cit.*, pp. 69, 90 e 91

²⁹ Manuel J. C. Branco, *Ob. Cit.* P. 161, mencionado por Rafael Moreira na p. 375

³⁰ Maria do Céu S. Tereno, *Ob. Cit.* Pp. 393 e 394

³¹ Rafael F.D. Moreira, *Ob. Cit.*, p. 369, onde refere " ...e Nossa Senhora da Graça, edifício honrado e magnífico como o Templo de Diana Efésia, feito com esmola real". Não nos parece de minimizar o testemunho deste texto capital, verdadeira certidão de baptismo do pleno Renascimento português".

colunas toscanas e pilastras aparelhadas e a parte superior onde se salienta um nicho sugerindo um pórtico, com frontão triangular sobre o qual se encontram anjos, ladeado por rosetões e por panóplias (Fig. 5). Sobre os acrotérios que ladeiam a fachada encontram-se os atlantes (Meninos da Graça) e a encimar estes conjuntos, esferas com fachos (Fig. 6).

O acesso ao interior faz-se por uma porta de arco perfeito, ladeada por dois nichos com jambas em perspectiva.

Na fachada norte situa-se a porta que dava acesso ao coro e a nascente encontram-se as janelas perspectivadas da capela-mor.

A sacristia, ligada à capela-mor, e coberta por abóbada em cruzaria de arestas ocupa um espaço já na área do claustro.

O Convento

É constituído por uma torre quadrangular³² que faz a ligação da igreja ao convento (Fig. 7 e 7a), sobre a qual foi implantada a espadana, que serve de campanário e que disfarça a sua leitura (Fig. 8).

No piso térreo desta torre funciona a gerência da Messe de Oficiais, no local que foi em tempos a portaria do convento, de planta quadrada e cobertura feita através de uma abóbada em arco de claustro³³ e que teve um alpendre a proteger a entrada. O piso superior, nesta torre é o ante – coro ligado à igreja e coberto por uma cúpula (Fig. 9), que Rafael Moreira³⁴ diz ter sido a primeira em caixotões da arquitectura renascentista portuguesa. Na actual portaria encontramos

³² Rafael Moreira, *Ob. Cit.*, p. 381 e 383, refere que: “ Com efeito, a Torre da Graça é menos interessante pelo seu invólucro do que pelo seu conteúdo: ela encerra a mais antiga cúpula de caixotões renascentista da arquitectura portuguesa, tanto quanto sabemos. “ e mais adiante : “ A luz vinda pelas quatro aberturas axiais a sala quadrada sobre a portaria de cantos cortados como o claustro, é filtrada por uma cornija em quebra-luz que deixa a cúpula semiesférica na penumbra, fazendo ressaltar as esplêndidas molduras dos caixotões lisos 16 faixas verticais em seis níveis que diminuem gradualmente de largura até ao orifício central.”

³³ Maria do Céu S. Tereno, *Ob. Cit.*, pp. 164 - 166 e 292

³⁴ Rafael Moreira, *Ob. Cit.* p. 384, e nota 32

a portaria/recepção da Messe de Oficiais, correspondendo aos três primeiros tramos da fachada, com a sua porta ladeada por três altas janelas rectangulares, uma em cada tramo. É de planta rectangular e coberta por uma abóbada de berço com penetrações.

Foi, em tempos a sala do capítulo conventual. Entrando na actual portaria e olhando para nascente vemos o claustro, mas virando para sul passa-se primeiro uma sala quadrada que antecedia o antigo refeitório. Desta sala passa-se para este espaço, agora sala de estar, por um amplo arco abatido.

Estes dois espaços estão bem iluminados, pelo lado poente, por duas e seis janelas, iguais às da portaria. A sala de estar tem ainda duas janelas a sul e três a nascente. Estes espaços são cobertos por abóbadas em cruzaria de arestas com dois e seis tramos, respectivamente.

Passando ao claustro (Figs. 10 e 11), este tem planta sensivelmente quadrada, com três tramos em cada banda, no piso térreo, com arcos geminados de volta perfeita e colunata arquivada, sobre três espaços no andar superior. Pilares chanfrados definem os cunhais do claustro, que no seu todo apresenta uma sóbria elegância. No centro existia cisterna de que se desconhecem características por carência documental.

Na face nascente, além da sacristia já referida, encontra-se uma sala ampla, agora utilizada como bar e que é coberta por abóbada de cruzaria de ogivas, com quatro tramos.

Na face sul encontra-se a sala de jantar (no local onde esteve a cozinha e outras dependências de apoio do convento), sala de boa dimensão, coberta por abóbada de arestas, com seis tramos e amplamente iluminada por quatro largas janelas em arco abatido que substituíram primitivas janelas quinhentistas de chanfraduras. Nesta sala foi colocado o lavabo de mármore de Estremoz, que pertenceu ao antigo refeitório. Ainda nesta face foi aberta a escadaria (Fig. 12) para

ligação aos dormitórios, com cobertura em abóbada rampante³⁵ de canhão. Os degraus e os patamares são de granito, estando as paredes revestidas de azulejo de finais do século XVII.

A face norte encosta à igreja e a face poente é composta pelos espaços já mencionados: sala da gerência da Messe, na base da torre, a portaria e a sala que desta dá acesso à sala de estar.

Enquanto convento os pisos superiores continham os dormitórios, enfermarias, noviciado, aulas de filosofia e teologia e o cartório - biblioteca³⁶ (Fig. 13).

Actualmente são ocupados por quartos.

Quanto ao exterior do conjunto, a fachada poente, na continuação da fachada da igreja é a mais imponente, com dois pisos ritmados por grandes contrafortes de granito onde se rasgam grandes vãos rectangulares verticais, no piso térreo e vãos quadrados correspondentes aos primeiros, no piso superior. A fachada norte pertence à igreja onde se encontra a porta, já mencionada.

A nascente (Fig. 14), a fachada inclui a igreja e, na parte do convento atinge quatro pisos, aproveitando o declive do terreno, nos dois corpos visíveis, perpendiculares, e com a mesma cêrcea. No corpo virado a nascente deixa supor, pela forma e desenho de alguns vãos, que podem ser sobrevivências do anterior edifício.

O edifício virado a sul e com o topo a nascente encostado ao anterior, construído sobre o local da derrocada (Figs. 15, 16, 17 e 18) apresenta um traçado muito regular. Na parte inferior, correspondente à cave, situam-se espaços de apoio, à semelhança do que se passava no tempo da vida conventual, que tinha ali instalados celeiro, adega, despensa, e outros serviços.

Restauro do Conjunto Conventual

³⁵ Maria do Céu S. Tereno, *Ob. Cit.*, pp. 128-130

³⁶ Túlio Espanca, *Ob. Cit.*, p. 171

O estudo da documentação existente na Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Sul demonstra que o ministério da tutela determinou estudos para o restauro do convento para adaptação a Messe de Oficiais em 1955, dois anos antes da derrocada da ala sul³⁷.

Seguiu-se em 1956 o estudo do restauro da Igreja, onde se menciona que esta foi classificada de Monumento Nacional por Decreto anterior a 16 de Junho de 1910. Em estudo de 1 de Setembro de 1956³⁸ é proposta a reconstrução total de todos os telhados e coberturas em terraço da Igreja e convento e consolidação de paredes para evitar que alastre a ruína das paredes a todo o conjunto.

A acção não foi tão rápida como era necessário e verifica-se a derrocada de 1957, por este motivo o estudo/proposta de 31 de Agosto de 1959³⁹ considera a verba mais importante ao longo de todo o processo, para adaptação do Convento a Messe e para o restauro da Igreja. Em relação a esta considera-se a demolição de acrescentos para integrar o edifício no estilo da fachada; construção de coberturas e tecto de madeira; construção de cintas de betão armado embebidas nas paredes para sua consolidação e várias outras obras de interesse. O valor a despender nas obras da igreja equivalia a 18,5% do total considerado neste ano⁴⁰.

As obras vão-se desenvolvendo nos anos subsequentes sendo consideradas verbas importantes para 1960⁴¹ para a cobertura da igreja e para continuação das obras no convento. Em 1961⁴² foi reformulado o estudo do restauro da igreja por durante os trabalhos, terem surgido elementos novos, alterou-se a ideia inicial de conservar o corpo da igreja e passou a considerar-se a construção de um tecto de madeira,

³⁷ Memória descritiva constante no processo n.ºs.07.05.10/028, referente à frontaria da Igreja da Graça, de 8 de Julho de 1955

³⁸ Memória descritiva do processo referido, de 1 de Setembro de 1956

³⁹ Memória descritiva do processo referido, de 31 de Agosto de 1959

⁴⁰ Memória descritiva do processo referido, de 31 de Agosto de 1959

⁴¹ Memória descritiva do processo em estudo, de 19 de Novembro de 1960

⁴² Memória descritiva de 28 de Julho de 1961

em masseira, e a reconstrução da abóbada da abside, bem como o apeamento do arco triunfal, montando-o com menor altura (Fig. 3).

Em 1965⁴³, para manter o interesse do Imóvel, apesar das adaptações indispensáveis, procuraram salvaguardar os valores mais importantes do antigo edifício, nomeadamente, a fachada principal, o claustro, e ainda a escada nobre e as salas do rés-do-chão, abobadadas com nervuras. Prosseguiram construções em alvenaria, cimento armado, telhados e pavimentos.

Em relação à igreja, considerando que as obras já realizadas evitaram a perda total do edifício, foi previsto prosseguir com obras de alvenaria e betão, cantarias, lajes de betão pré-esforçado no coro, balaustradas no altar-mor e no coro, bem como outras obras várias que caminhavam para acabamentos.

Em 1974⁴⁴ há trabalhos de ajustamento da compartimentação e melhoramento do aspecto arquitectónico do edifício, havendo também trabalhos no beirado do telhado da igreja e na escada de acesso ao coro.

É neste ano que se montam os sinos o que implicou uma reparação no telhado da igreja.

Desde esta data até 1984⁴⁵, último ano de que dispomos de documentação, foram completadas partes reduzidas das obras e feitas reparações necessárias nas cantarias da fachada principal da igreja, em 1982⁴⁶, bem como limpeza dos paramentos de cantaria e substituição de silhares de cantaria de granito.

Da Utilização e seus Efeitos

A acção determinada em 1955 pelo ministério da tutela, considerando o mérito do conjunto conventual e o interesse em mantê-

⁴³ Memória descritiva, de 20 de Julho de 1965, e 11 de Agosto de 1965

⁴⁴ Memória descritiva do processo em apreço, de 17 de Maio de 1974

⁴⁵ Memória descritiva de 18 de Julho de 1984

⁴⁶ Memória descritiva de 27 de Setembro de 1982

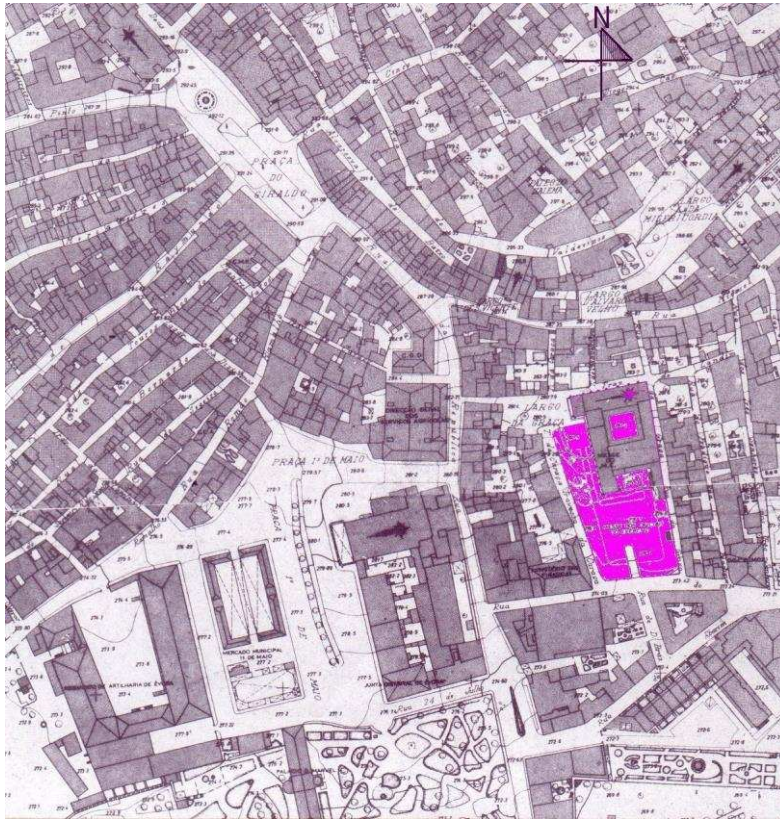
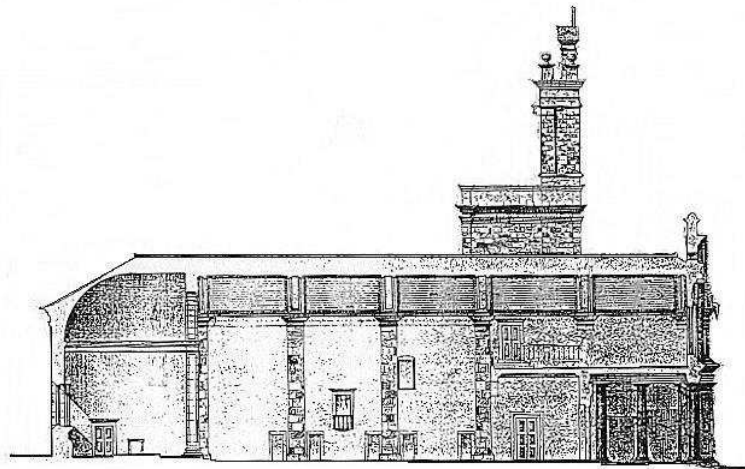
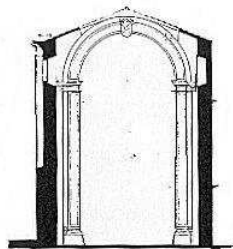


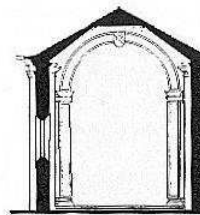
Figura 2 – Planta de implantação do Conjunto monástico de Nossa Senhora da Graça.



Corte longitudinal do interior da Igreja



Corte transversal da igreja pré-existente



Corte transversal da igreja actual

Figura 3 – Cortes longitudinal e transversais da Igreja da Nossa Senhora da Graça.



Figura 4 – Vista da fachada principal de igreja de Nossa Senhora da Graça.

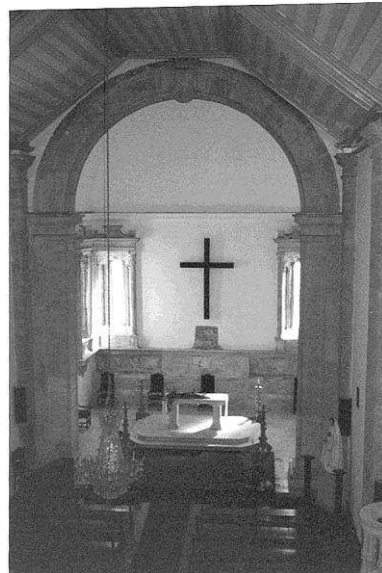


Figura 4 – Vista do interior da igreja de Nossa Senhora da Graça.



Figura 5 – Vista lateral do frontão da igreja de Nossa Senhora da Graça.

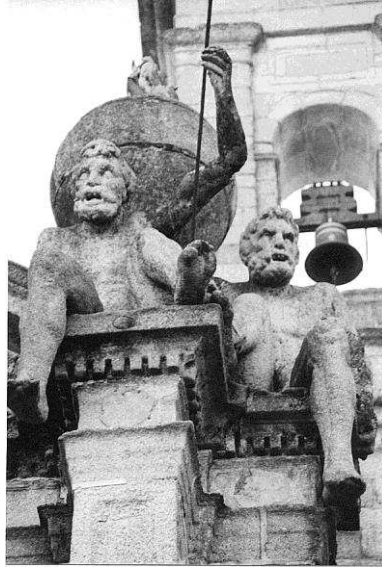


Figura 6 – Vista de um conjunto das estátuas designadas como “Meninos da Graça”.

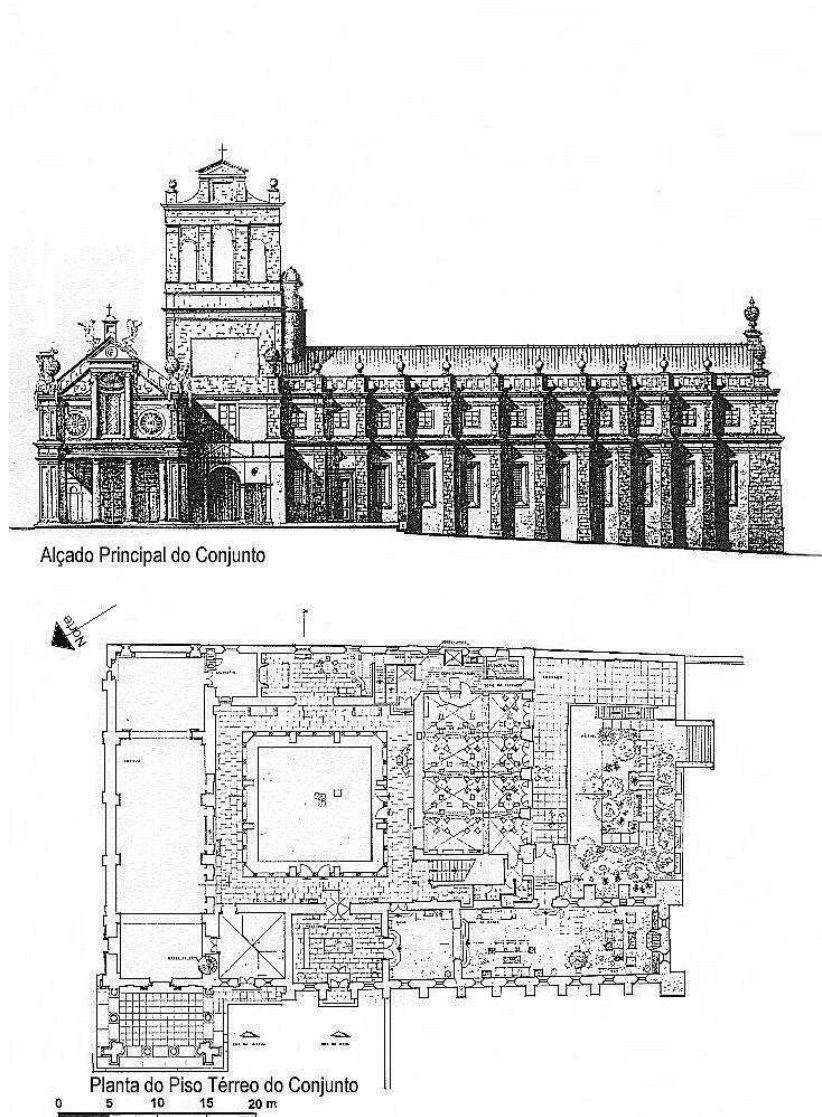


Figura 7 – Alçado principal e planta do conjunto monástico de Nossa Senhora da Graça.



Figura 7 a – Vista global do conjunto monástico de Nossa Senhora da Graça.

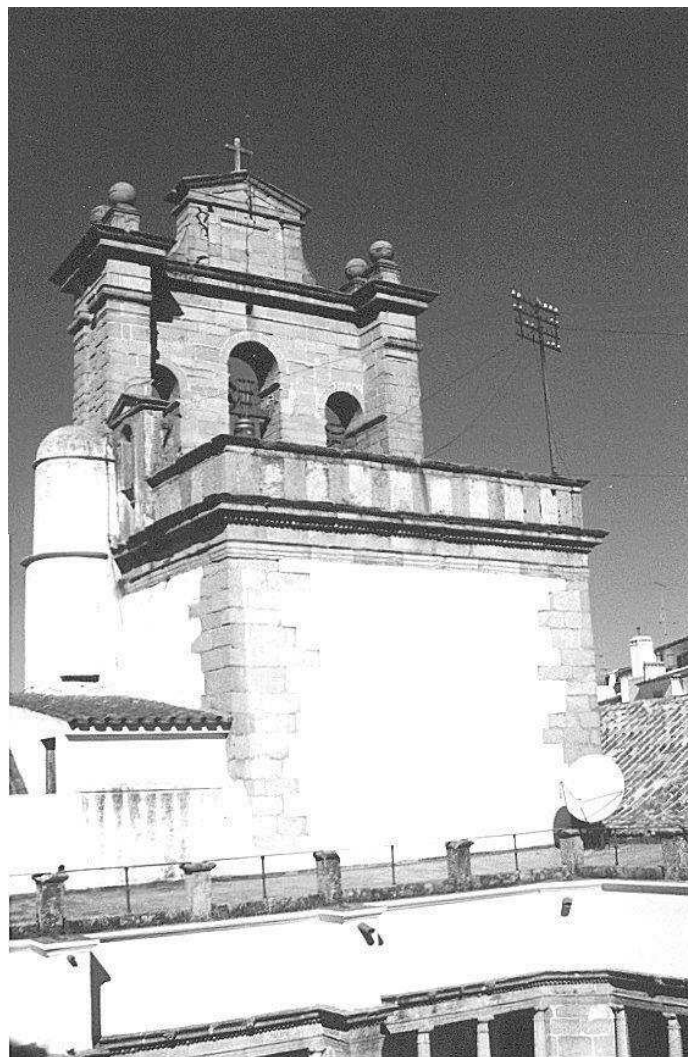


Figura 8 – Vista posterior da torre sineira.

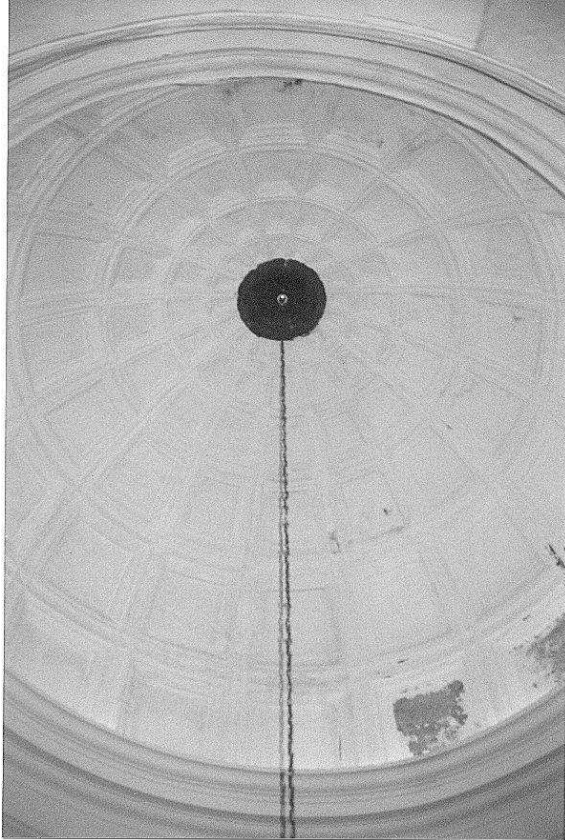


Figura 9 – Vista do interior da cúpula da torre sineira.



Figura 10 – Vista do interior do claustro do convento.



Figura 11 – Vista de uma das alas do claustro.



Figura 12 – Vista do interior da escadaria de acesso ao primeiro piso.



Figura 13 – Vista que encima a porta de acesso à biblioteca.



Figura 14 – Vista do alçado nascente do conjunto monástico.



Figura 15 – Fotografia antiga do alçado sul – DGEMN.

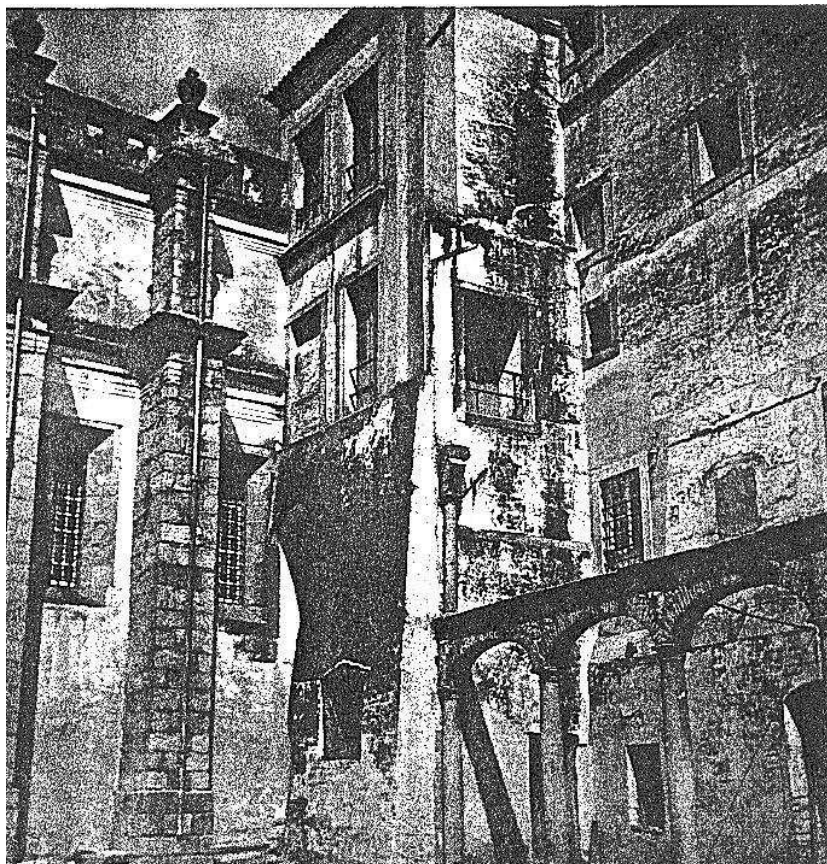


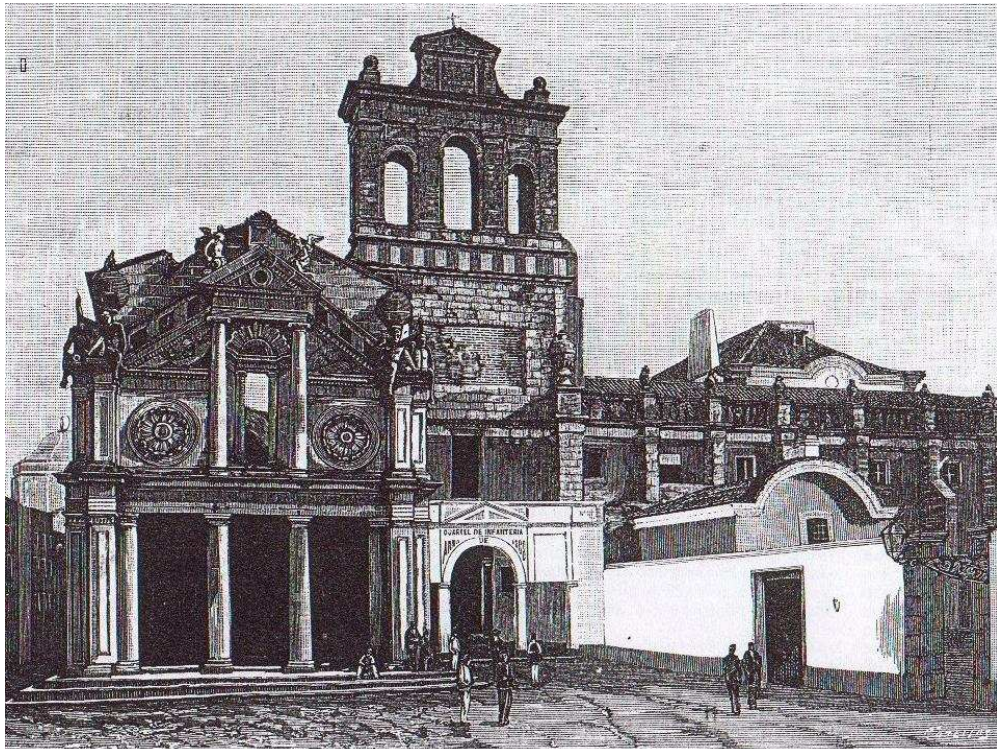
Figura 16 – Fotografia do alçado sul – DGEMN.



Figura 17 – Fotografia da decorada do alçado sul. DGEMN.



Figura 18 – Conjunto monástico antes da intervenção ocorrida nos anos 70 do século XX. DGEMN.



EGREJA DA GRAÇA
(Segundo uma photographia do sr. L. Freire)

Figura 19 - Gravura da Igreja da Graça. DGEMN.